

ABEL NEVES

TERRA

TEATRO





Abel Neves

de

TERÇA

Comuna — Teatro do Povo

em

21 de Março de 1971

Terra

Adriano

Martim

Teófilo

Teófilo

Teófilo

Teófilo (Cano do Nabo)

Corvo

Corvo

Padre

Filipe

João do Alentejo

Teófilo

Alfredo Gonçalves

Vicente Soares

Luís Carvalhal

Luís Pires

Luís Salgueiro

Paulo Ferreira

Alfredo Gomes

Manuela Costa

Jorge Sáez

Alvaro Correia

Cristina Tavares

Quito Pires

Vicente Rodrigues

Cristina Tavares

Alfredo Aguiar

Carlos Delgado

Carla de Sousa

Conceição Ferreira

Teófilo

Teófilo

Teófilo (Cano do Nabo)

João Maria

Carlos Pires

Bernardo Godinho

Carlos Delgado

Alfredo Aguiar

Cotovia

Teatro Nacional D. Maria II

Elenco da Estreia
de
TERRA
na sala da
Comuna — Teatro de Pesquisa
em
27 de Março de 1991

<i>Adrião</i>	Almeno Gonçalves
<i>Martim</i>	Victor Soares
<i>Zulmira</i>	Cucha Carvalheiro
<i>Inácio</i>	Carlos Paulo
<i>Berta</i>	Rita Salema
<i>Tomás Cara-de-Nabo</i>	Paulo Ferreira
<i>Corvo</i>	Alfredo Brissos
<i>Conceição</i>	Manuela Couto
<i>Padre</i>	Jorge Estreia
<i>Físico</i>	Álvaro Correia
<i>Jovem do Alaúde</i>	Cristina Torres
<i>Farrapões</i>	Quim Preto
	Victor Rodrigues
	Cristina Torres
	Abílio Apolinário
	Carlos Delgado
	Cecília de Sousa
	Conceição Ferreira
<i>Encenação</i>	João Mota
<i>Figurinos</i>	Carlos Paulo
<i>Execução Cenográfica</i>	Renato Godinho
	Carlos Delgado
	Abílio Apolinário
<i>Direcção e Pesquisa Musical</i>	José Pedro Caiado

Personagens

Adrião, *o Ferreiro*

Martim, *o Embarcadiço*

Zulmira, *a Estalajadeira*

Inácio, *o Criado*

Berta, *a Pega*

Tomás Cara-de-Nabo, *o Lavrador*

Corvo, *o Ministro dos Esquifes*

Conceição, *a Parteira*

Padre

Físico

Jovem do Alaúde

Sete Farrapões

*Na Idade Média em vésperas da Quaresma, no Entrudo,
uma noite fria e húmida.*

*Espesso nevoeiro e um cheiro a estrume e lenha quei-
mada.*

Ouve-se, espaçado e distante, o som lúgubre de um sino.

(*Entra Adrião. Traz um saco com os seus poucos haveres. À cintura tem pendurado um pequeno tambor. Envolto no nevoeiro, observa o vazio. Pousa o saco. Espera. De vez em quando tosse.*)

ADRIÃO Inácio!... Berta!... Onde estais vós? (*Curto silêncio.*) Que deu a esta gente? Que não apressaram o passo por causa das lamas e a noite vem. Como havemos de encontrar o caminho no escuro? Estou em crer que estamos perto mas se não nos vem ainda o cheiro do sal como saber que estamos perto? (*Silêncio. Adrião inspira profundamente e olha, temeroso, para cima. Toca o solo.*)

As areias seriam bom sinal... Tão certo como eu estar aqui, só a noite. Ter eu nascido há mil anos a ver se estava aqui!...

Ou ter nascido em casa de rei... Ou não ter nascido... Ou nascer em época melhor, que a havemos de ter quando forem melhores os dias. Deus determina tudo e todos e estamos assim destinados a viver conforme as coisas, dizem eles, como se não pudéssemos mudar a vida. Até os ventos são um sopro de Deus! E não haver um sopro que levasse estas nuvens! Mas Ele não quer. (*Curto silêncio.*) Os reis não mudam nada, a não ser uma batalha por outra, e há quem

diga que tudo isto é um sonho. Seja o que for está um frio danado. (*Junta as mãos na boca e aquece-as com um bafo.*)

(*Entra Martim. Carrega também um saco e tem na cabeça um barrete marinheiro.*)

ADRIÃO Martim, os outros?

MARTIM (*pousando o saco*) Raios partam os sinos! Mais medo põem na gente! (*Pausa.*) Não vale a pena correr, Adrião! Vieste a correr como o porco da faca. Acabamos todos perdidos se não andarmos juntos. Faz mal andarmos juntos? Diz lá, faz mal?

ADRIÃO Isto não é procissão para andarmos a passo de lesma. Se não encontrarmos o caminho com luz não será de noite que o vamos encontrar.

MARTIM Luz?! Olha só a bonita luz que temos! Já é noite. (*Pausa.*) Amanhã também é dia. Precisamos de descanso.

ADRIÃO Descanso?!

MARTIM Há gente a querer dormir.

ADRIÃO Dormir?!

MARTIM Que mal há nisso? Precisamos de forças. Tu ainda falas de luz quando já só temos a escuridão.

ADRIÃO Temos a luz da lua.

MARTIM Essa luz não é para nós. Aprendi no mar.

ADRIÃO Aprendeste o quê?

MARTIM Aprendi a ganhar forças para estar em terra.

ADRIÃO Pois para mim agora é gastar todas as forças para conseguir chegar ao mar.

MARTIM Por todo o lado os sinos... Já andámos muito.

ADRIÃO E sabes onde diabo estamos? (*Silêncio.*) Assim não vamos conseguir, Martim. O ar está frio e húmido.

MARTIM Há-de estar calor também.

ADRIÃO E não percebes o que isso quer dizer? (*Silêncio.*)

MARTIM É como o crescente. Um bocadinho só faz levedar muito trigo do pão. (*Pausa.*) Queres saber uma coisa? Um dia agarrei um punhado de trigo e guardei-o num pano. Só havia trigo. Tempos depois apareceram lagartas brancas e só havia trigo. Não percebo, Adrião, não percebo! (*Pausa.*) Desde pequeno que dou um beijo no pão antes de comer.

ADRIÃO É como o crescente... E queres tu dormir! Queres ficar à espera que a morte te apanhe a dormir?

MARTIM Pensa nos outros, Adrião. São gente como tu. (*Pausa.*) Há pouco o Cara-de-Nabo ia vomitando as tripas.

ZULMIRA Que estamos no caminho? (*Pausa.*) Isso é resposta?

MARTIM (*indicando para a frente, com alguma indiferença*) No meio desta miséria há um cheiro a sal que vem desses lados.

(*Todos o olham acusadores.*)

Mas eu tenho que saber ao certo? Há muito que deixei o mar! Sei lá onde fica o mar!

(*Todos ainda mais acusadores.*)

Há-de ser este o caminho. Se Adrião o diz... Ou fui eu que disse que havia um barco para nos levar? (*Curto silêncio.*) Até que já tenho zumbido nas orelhas.

INÁCIO Zumbido?

TOMÁS Tenho sede.

ZULMIRA Ó homem isto por aqui é só águas paradas, se as houver. E se as houver estão cheias de vermes. Alguém tem água? (*Silêncio.*)

ADRIÃO O Cara-de-Nabo que aguente que nós também.

TOMÁS (*atirando-se contra Adrião*) Morro de sede, desgraçado!

(*Martim agarra e segura Tomás obrigando-o a sentar-se. Tomás está visivelmente cansado. Uma vez por outra, tosse.*)

ADRIÃO Está bem. Paramos. (*Pausa.*) Nem os ratos querem a noite. E tu, Zulmira, ouve-me bem: quando o ferro está acendido, então há-de ser batido.

ZULMIRA Ai estás a dizer que me vais bater? Olha que eu não sou ferro que se acenda. Já cá cantam muitas primaveras.

ADRIÃO Reza para que a próxima não seja a última.

ZULMIRA Muitas Deus me há-de dar ainda para felicidade minha.

TOMÁS Nada de nervos, mulher. Os nervos não são coisa boa nestes tempos de cólera.

BERTA Não se canse, Zulmira. Afinal somos todos uns desgraçados.

ZULMIRA Ah, agora trata-me por Zulmira?! Toda a vida me trataste por Minha Senhora e agora é Zulmira? Os tempos não mudaram só porque anda tudo moribundo por aí! Olha que o respeito é nestas alturas que se vê. Passaste de criada a Pega mas não deixaste de servir em minha casa. Vamos lá a tratar-me por Minha Senhora, ouviste?

BERTA Sim, minha senhora. (*Curto silêncio.*)

ADRIÃO O Corvo?

ZULMIRA Deve andar a fazer contas aos mortos.

BERTA *(irónica)* Quase que traz a Conceição ao colo.
Coitada, desarranjou um tornozelo.

INÁCIO Nem parece que estamos no Entrudo com
tanto morto.

*(Silêncio. Todos olham para Inácio, que fica aflito com
o que acaba de dizer.)*

Não é verdade que estamos no Entrudo?

(Silêncio.)

TOMÁS A obra da peste não pára. Até quando, meu
Deus?

INÁCIO Ainda vi os Farrapões roubarem carnes do
fumeiro.

ZULMIRA Da minha casa?!

INÁCIO E até do Mosteiro que estava despovoado. Que
os vi eu armados de pedras e vergastas, e o que mais
havia.

MARTIM É gente que anda solta a fazer o que quer.

BERTA Quarta-feira de cinzas...

ZULMIRA Não me digas que vais pedir ao padre que
te ponha na testa a cruz com cinzas bentas. Ó mulher,
que a gente vai ficar um monte de cinza já todos nós
sabemos, não é preciso cá o padre que nos venha com
essa cantoria.

BERTA Eu não disse nada, minha senhora.

ZULMIRA Não disseste mas pensaste porque eu sei muito bem o que pensas. Não precisamos cá de padre nenhum. O que eles dizem estamos nós fartos de saber. Que isto é tudo obra dos nossos pecados não é preciso um padre para o dizer.

TOMÁS Ainda gostava que me dissessem que pecados é que eu tenho.

ZULMIRA Tens um, pelo menos, e não é pequeno. É melhor que te cales.

ADRIÃO Um?! Tem mais pecados que o porco tem presunto!

TOMÁS É tudo inveja! Comi o que era meu e paguei o que bebi.
Não devo nada a ninguém.

ADRIÃO As terras é que é pior.

TOMÁS Chamas terras àqueles canteiros que em vez de espigas têm pedras?

ADRIÃO Então, e foi isso que deste à Igreja?

TOMÁS Dei o que é meu, e cada um está com Deus como pode e quer.
Tu deste alguma coisa?

MARTIM Para quem sempre disse que os padres são os sanguessugas dos pobres há aí um lobo com pele de cordeirinho. Não me esqueço que nem uma sopa me